

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCH

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS



**A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO SOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

KARINA VON KLAY SILVA

RIO DE JANEIRO

2009/2

KARINA VON KLAY SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO SOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado e licenciatura em Pedagogia.

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea – Orientador

RIO DE JANEIRO

2009/2

KARINA VON KLAY SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO SOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2008.

Professor Miguel Angel de Barrenechea
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro

Professora Angela Maria de Souza Martins
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida. “Obrigada por este presente que agora me oferece, por tudo quanto vi, escutei e aprendi ao longo desses quatro anos.”

Aos meus pais José Augusto e Isabel, os melhores pais do mundo por todo incentivo em todos os momentos da minha vida, por serem estes pais corujas que me enchem de carinho, amor e compreensão e que sempre me mostraram que tudo é possível quando se tem dedicação. Amo vocês. “Obrigada por tudo, esta vitória também é de vocês.”

A minha irmã Ana Carolina, por sempre estar ao meu lado, por torcer a todo momento, pelo seu carinho, amor, seu sorriso, seu companheirismo e toda sua ajuda ao longo desta etapa da minha vida. Sei que posso contar sempre você. Não consigo expressar com palavras o quanto você é importante na vida, te amo. “Esta vitória também é sua.”

Ao meu querido orientador Miguel Angel que teve muita paciência com diversas eventualidades que ocorreram além de me incentivar e me fazer cativar uma vontade infinita em querer sempre aprender mais.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha formação educacional, nas diferentes fases que foram concluídas, tantas pessoas contribuíram para esta formação (todos os professores do maternal até o terceiro grau). Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje. E agradeço, particularmente, a algumas pessoas que tornaram possível a minha graduação e a elaboração deste trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus, por ter proporcionado mais uma das inúmeras etapas concluídas na minha vida. Por guiar meus caminhos iluminando cada passo que dou diariamente.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado enfrentando todas as barreiras e me auxiliando sempre a ir em busca de um maior crescimento cultural, esta família tão especial que Deus me deu, por todo amor que sentimos, por toda união, por saber o quanto a nossa família é feliz e dizer que sem vocês nada seria possível.

À minha irmã, Ana Carolina, pelo carinho e força, por estarmos sempre juntas nos momentos mais importantes.

Ao professor e orientador Miguel Angel pelos ensinamentos passados, por todo seu apoio, carinho, dedicação, incentivo e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

Pela professora Anna Hartmann que tive ilustríssimo prazer de conhecer no primeiro período da faculdade sendo a primeira a introduzir o significado da filosofia em minha vida.


À minhas amigas da faculdade Danielle, Maria das Graças, Juliana e Camila que me incentivaram a todo momento, por todo carinho e amor, por todas as palavras positivas que me passaram, por estar ao meu lado dividindo todas as etapas desta pesquisa. Amigos especiais, que quero ter para sempre.

Às mais especiais amigas de todas as horas, Larissa, Bruna, Priscila e Érica que me acompanham há anos e que sei que posso sempre contar com sua presença. Sempre!

A todos os professores da UNIRIO, em especial, Ângela Maria, Diógenes Pinheiro, Guaracira Gouvêa, Cláudia Fernandes, Maria Elena, Carmen Sanches, Mônica Mandarin, Luiz Eduardo, Nailda Bonato, Janaína Menezes, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e que contribuíram para meu crescimento intelectual estimulando a

valorização cultural que atribuímos ao processo pedagógico, além de fazerem parte da construção do meu conhecimento e conseqüentemente na evolução desta monografia.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.



“Só sei que nada sei, e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa.”

“Conhece-te a ti mesmo, torna-te consciente de tua ignorância e será sábio.”

(Sócrates)

A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO SOCRÁTICO PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Karina Von Klay Silva
Curso de Pedagogia
Escola de Educação
Unirio

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar o método de Sócrates, para abordar diversas questões filosóficas vinculadas à problemática educativa. Estudaremos sua vida, sua formação e termos fulcrais do seu pensamento como: virtude, indução e ética. Cabendo refletir ainda sobre as relações entre sua ótica acerca da docência e sua concepção sobre filosofia e educação. Finalmente visamos esclarecer a importância de sua metodologia para a educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Método Socrático, Educação, Conhecimento.

ABSTRACT

This work have the objective to make a analysis of the Sócrates method, to approach several philosophics questions connected to the problematic in education. We will study his life, his formation and key terms of his thoughts as: virtue, induction and ethics. We will see also about his relations between his perspective on teaching and his conception about philosophy and education. Finally we aim to clarify the importance of his methodology to the contemporary education.

KEYWORDS: Socratic Method, Education, Knowledge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 - SÓCRATES: VIDA, JULGAMENTO E CONDENAÇÃO.....	13
2 - SÓCRATES E A CONCEPÇÃO DE ÉTICA.....	17
3 - VIRTUDE E INDUÇÃO SOCRÁTICA.....	20
4 - SÓCRATES E A DOCÊNCIA.....	22
4.1 - Método Socrático e sua concepção de educação.....	23
4.2 - Sócrates e o processo de construção do conhecimento.....	26
4.3 - Eis Sócrates na escola atual: o diálogo e a investigação dialógica.....	27
5 - O MÉTODO SOCRÁTICO: O SOCRATISMO NA SUA CONCEPÇÃO DIALÓGICA - INFLUÊNCIAS NA PROPOSTA DE LIPMAN.....	31
5.1 - A filosofia como investigação.....	32
5.2 - Socratismo e cidadania na idéia contemporânea.....	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

A filosofia que fundamenta a reflexão educacional, no decorrer da história, é a Ocidental, que, desde os seus primórdios, começou a refletir sobre os caminhos das práticas pedagógicas. Ao longo de nossa história, vários filósofos se destacaram por suas importantes contribuições no devir da nossa civilização. A antiguidade grega começou com grandes questionamentos teóricos, com preocupações sobre questões das ciências da natureza. Mas, em um momento, os filósofos começam a tematizar problemas vinculados ao homem, no período caracterizado como socrático, século V a.C.

Considerado um dos grandes pensadores do Ocidente, Sócrates, nasceu em Atenas no ano 470 a.C. Se tornou famoso por considerar a filosofia como uma atividade imprescindível na vida do homem. De origem humilde, era um mestre que dialogava e exercitava sua prática docente por amor e afeto. Ensinava filosofia voluntariamente e passava horas discutindo com os cidadãos de Atenas. Seu ensino era dirigido às camadas populares, como trabalhadores, artesãos, escravos e jovens, contudo, conversava com qualquer pessoa que o escutasse ou que aceitasse responder a suas perguntas. Sócrates estava sempre disposto a dialogar com qualquer pessoa, mas, acima de tudo, ele prezava a companhia dos adolescentes, ávidos de questionar todos os pensamentos já consolidados. “Estes descobririam nele exatamente aquilo de que a juventude precisa – um homem cuja coragem comprovada eles pudessem respeitar e admirar, e cujo intelecto sutil estava sempre a serviço da paixão dos jovens pela argumentação.” (CORNFORD, 2001, p. 40).

Ele nunca cobrou pelas suas aulas, que aconteciam sempre em lugares públicos. Sócrates acreditava que sua missão era procurar o conhecimento sobre qual seria a conduta correta, pela qual ele poderia promover uma melhora intelectual e moral dos cidadãos de Atenas. Ele teve uma formação cultural elevada, era um autodidata assimilador de conhecimentos. Sempre foi um modelo irrepreensível de bom cidadão, destacando-se pela sua integridade moral. Não se considerava sábio, nem professor. Para ele, o verdadeiro sábio é aquele que adota uma postura humilde com relação ao conhecimento. Além disso, ele sustentava que para desenvolver um processo de auto-conhecimento precisava-se partir da aceitação de que nada se sabe. Acreditava que a filosofia era uma vocação, um dom especial que nem todas as pessoas possuem. “A educação não significa ensinar, ela é o abrir dos olhos da alma (...) bem como do orgulho do conhecimento que, na verdade, não passa de uma opinião de segunda mão.” (CORNFORD, 2001, p. 43).

Quanto à política, foi ele valoroso soldado e rígido magistrado. Mas, em geral, conservou-se afastado da vida pública e das disputas políticas de sua época, que contrastavam com o seu temperamento crítico e com o seu reto juízo. Julgava que devia servir a pátria conforme suas atitudes, vivendo justamente e formando cidadãos sábios e honestos. Sócrates nunca ocupou nenhum cargo público, acreditando que com isso estaria comprometendo seus princípios. Também dizia que a melhor forma de servir a sua cidade era se dedicando a ensinar e a persuadir os cidadãos de Atenas a examinarem suas almas e acharem o conhecimento, em vez de participarem da política.

Aos 70 anos foi julgado e condenado sob a acusação de corromper os jovens, de atentar contra a religião e contra as leis da pátria. Enquanto estava na cadeia, seu discípulo, Criton, preparou e propôs a fuga ao Mestre. Sócrates, porém, recusou, declarando que havia sido condenado por uma corte legítima, então tinha a obrigação de não desobedecer às leis da pátria. Sendo assim, aceitou sua sentença e permaneceu na cadeia. Passou seu último dia de vida com amigos e admiradores. À noite, conforme mandava a lei, ele tomou veneno, cumprindo assim sua pena.

Aos efeitos de esclarecer as questões fulcrais deste trabalho, inicialmente, no primeiro capítulo, analisaremos algumas das peripécias da vida de Sócrates, principalmente na sua etapa final, quando acusado por diversos crimes que não cometeu, e incitado a abandonar a Filosofia para não ser condenado, mostra toda sua estrutura moral e coerência ética rejeitando qualquer recuo nos princípios éticos e filosóficos, mesmo que isto lhe custasse a vida.

No segundo capítulo, abordaremos os principais conceitos da concepção ética, socrática, mostrando a importância da racionalidade para a conduta humana. Evidenciaremos como o pensador ateniense sustenta a possibilidade de uma ética racional, fundado em valores universais.

No capítulo terceiro, mostraremos como, para Sócrates, a virtude está estritamente ligada à sabedoria. Para atingir a virtude e a sabedoria é preciso uma procura metódica amparada no procedimento indutivo. Ao compararmos atos virtuosos individuais, será possível encontrar a qualidade comum a todos eles, isto é, partindo de casos singulares chegaremos ao conceito universal.

No quarto capítulo abordaremos a proposta pedagógica socrática, analisando suas diferenças com a sofística, preocupada principalmente com a arte do bem falar. O filósofo ateniense, diferentemente da sofística, preocupasse com a troca com o discente, com a procura conjunta da verdade. Além disso, pretende que o interlocutor seja capaz de por

seus próprios esforços, dar à luz as idéias num processo maiêutico, isto é, de gestação de idéias.

No quinto capítulo, focaremos a influência da pedagogia socrática na proposta educativa do pensador contemporâneo Mattheus Lipman. Veremos como a maiêutica pode ser aproveitada para fundar um método baseado no diálogo e na interação criativa entre docentes e discentes.

A proposta deste trabalho é apresentar a vida, postura e formação de Sócrates, tematizando sua filosofia, correlacionando-as com questões educativas que este pensador pôde proporcionar à educação, além de esclarecer a importância de sua metodologia para a contemporaneidade.

CAPÍTULO 1

SÓCRATES: VIDA, JULGAMENTO E CONDENAÇÃO.

Acusado de corromper a juventude e desrespeitar as leis atenienses, Sócrates foi levado a julgamento porque defendeu a sua liberdade de pensamento. Na véspera da sua execução, o filósofo é visitado na cadeia por Críton, discípulo que lhe vem apresentar um plano seguro de fuga. Ele tinha a opção de sair da sua pátria e livrar-se da morte. Contudo, isso o manteria longe da sua terra natal, dos seus amigos e o colocaria em contradição com seus valores éticos. Podia ainda fugir da cidade de Atenas, agindo, assim, como um homem corajoso, conforme sustenta Críton. Afirmamos essa questão através de Platão em *Apologia de Sócrates*:

“De modo que, conforme eu dizia, nem desista de se salvar, nem seja um empecilho para você aquilo que falou no tribunal: que falou no tribunal: que você não saberia o que fazer de si mesmo se fosse viver fora. Pois também em muitas terras estrangeiras, aonde quer que você chegue, o acolherão. Se você quiser ir para Tessália, tenho muitos amigos por lá, que o vão ter em alta conta e lhe oferecer segurança, para que na Tessália ninguém o perturbe.¹ Além do mais, Sócrates, também não me parece justo você buscar isso – dar costas a si mesmo – quando é possível ser salvo. Você está estimulando que ocorra com você exatamente o tipo de coisa que seus inimigos estipulariam e estimularam, ao quererem destruí-lo. E me parece, ainda por cima, que você está dando as costas também a seus próprios filhos, os quais, sendo-lhe possível terminar de criar e educar, você, partindo², vai deixar para trás; e, da parte que lhe toca, eles seguirão assim: do jeito que for...³ E encontrarão, pelo jeito, aquilo que costuma acontecer com os órfãos em sua orfanidade. Pois ou não devemos fazer filhos, ou devemos ir juntos até o fim, criando-os e educando-os! E me parece que você está escolhendo o que é mais fácil. Porém, aquilo que um varão bom e corajoso escolheria – é isso que você

¹ Região ao norte da Grécia, onde situava a terra natal de Aquiles.

² Isto é, morrendo.

³ Críton parece retomar fala anterior de Sócrates, em que criticava o comportamento indiferente do povo.

deve escolher, depois de afirmar por toda vida ter militado em favor da virtude!

Porque eu próprio sinto vergonha, por você e por nós, seus colegas, de que toda essa situação em torno de você pareça ter ocorrido por uma covardia nossa qualquer – não só a entrada da causa no tribunal, conforme adentrou, quando era possível, não adentrar, como próprio enfrentamento da causa, conforme se deu, e ainda, finalmente, isto aqui, como que a parte risível da ação: parecer que por uma vilareza e uma covardia nossa qualquer ela nos escapou, visto que não o salvamos nem você se salvou, quando havia condições e possibilidade, já que éramos de alguma serventia (mesmo que pequena).⁴”

Entre os dois trava-se um dramático diálogo no qual, em um primeiro momento, Críton tenta persuadir Sócrates a fugir, alegando a injustiça que seria com os seus amigos e com sua família se ficasse em Atenas, facilitando e entregando-se assim à morte. Sofiste (2007, p. 40) afirma que Críton convida seu amigo a fugir argumentando que aceitar a condenação é cometer uma injustiça e submeter-se aos objetivos dos seus inimigos, além de ser uma perda para os amigos, para sua mulher e filhos. Enquanto Críton expõe as suas idéias, Sócrates ouve-as, o deixando afirmar que a fuga é a opção do homem bom e virtuoso. “Deve-se, porém escolher o que escolheria um homem bom e de brio, ao menos quando vives dizendo não ter outra preocupação na vida senão a virtude.” (SOFISTE, 2007, p. 41).

Seguindo o diálogo, Sócrates expõe a sua justificativa de acordo com as normas da justiça. Ele não quer o exílio nem a ajuda dos amigos para se livrar daquela situação. Sua justificativa é a de que o exílio seria a negação de sua vida, de sua moral, de sua ética; a segunda, a de que fugindo estaria sujeitando-se a outras razões, como, por exemplo, as sentimentais, e não as justas. “A fuga significaria a quebra de convenções e acordos, historicamente aceitos por Sócrates.” (SOFISTE, 2007, p. 45). Críton, então, deixa de contestar as suas opiniões ou, pelo menos, concorda passivamente com as palavras de seu amigo. Sócrates, assim, começa a questioná-lo pelos fundamentos de sua argumentação. Críton estava convencido sobre a morte de Sócrates.

⁴ Nesse trecho Críton compara o processo de Sócrates a um drama teatral que termina em farsa. Pelo que dá a entender, uma fuga poderia ter ocorrido antes mesmo do julgamento, o que provocaria seu cancelamento. Quanto ao “enfrentamento da causa”, Críton não esconde seu descontentamento com o modo altivo e provocativo com que Sócrates se defendeu.

Contra as razões de Críton, Sócrates opõe as suas próprias razões e, assim, refutando o esforço argumentativo do discípulo, sela o próprio destino rumo à execução de sua pena. A recusa de Sócrates à fuga, mostrada por Platão, funda-se em uma postura que se ampara numa escolha individual e livre, numa escolha ética. O sentido de sua atitude deriva de sua personalidade ética, movida pelo respeito às normas e pela certeza da importância de manter a coerência de sua proposta moral, mesmo as custas do sacrifício de sua vida. Ele achava indigno que um homem livre tentasse se livrar de uma punição através de palavras bonitas, pois em sua concepção e convicções todos os que o julgaram e o condenaram à morte um dia serão julgados pela verdade e condenados pela injustiça e falta de caráter. Neste ponto, Sofiste esclarece: “(...) não se esquivar; não recuar; não desertar o posto; mas, quer na guerra, quer no tribunal, em toda a parte, em suma, cumpre ou executar as ordens da cidade e da pátria ou obter a revogação pelas vias criadas do direito.” (SOFISTE, 2007, p. 45).

Cornford (2001, p. 33) afirma que, na *Apologia* escrita por Platão, Sócrates recusa-se a aceitar o perdão pelo compromisso com a busca da sabedoria e de manter a sua missão, cujo sentido, afirmamos, radica no esforço de construir uma forma de vida em completa harmonia com diretrizes e normas morais. Aceitar o perdão significaria invalidar a sua missão. O mesmo acontece com a questão de fuga. Ela não deve ser considerada justa porque as circunstâncias a favorecem. Desde o princípio, Sócrates não a cogita como possibilidade, pois não pode admiti-la, tampouco praticá-la sem que se cometa, ao mesmo tempo, a injustiça de permitir a invalidação dos princípios éticos, obtidos através do “autoconhecimento”, que leva ao reconhecimento daquele ser (a alma em cada um de nós) cuja perfeição é o verdadeiro sentido da vida.

Na *Apologia* de Platão, Sócrates coloca claramente sua posição no tribunal:

“É possível que tenhais acreditado, ó cidadãos, que eu tenha sido condenado por pobreza de raciocínios, com os quais eu poderia vos persuadir, se eu tivesse acreditado que era preciso dizer e fazer tudo para evitar a condenação. Mas não é assim. Cai por falta, não de raciocínios, mas de audácia e imprudência, e não por querer dizer-vos coisas tais que vos teriam sido gratíssimas de ouvir, choramingando, lamentando e fazendo e dizendo muitas outras coisas indignas, as quais, é certo, estais habituados a ouvir de outros.”

Introduzimos, neste capítulo, a postura socrática que faz da coerência ética uma exigência essencial. Diante dos cidadãos de Atenas, do séc. V.a.C, mesmo numa época de dissolução moral e crise de valores, o pensador mostra uma postura incorruptível. Ele evidencia que não devemos abandonar as nossas convicções e valores, mesmo que esta opção nos custe a vida. A partir de seu próprio exemplo, veremos a seguir os conceitos principais da sua concepção ética.

CAPÍTULO 2

SÓCRATES E A CONCEPÇÃO DA ÉTICA

Sócrates foi inovador no seu método e nas diversas questões que abordou. Sua contribuição à filosofia ocidental foi essencialmente de caráter ético. Seus ensinamentos visavam chegar ao entendimento de conceitos como justiça, amor e virtude, procurando as definições gerais dessas idéias. Conforme CHAUÍ, para Sócrates “Razão, verdade e virtude são universais e todos os homens são, por natureza, capazes dela.” (CHAUÍ, 2002, p. 203). Ele acreditava que o vício era o resultado da ignorância e que as pessoas não são más por escolha. “Sócrates declara que somente o ignorante pratica o vício, pois aquele que conhece a verdade ou a virtude não deixará de praticá-la, uma vez que ela nasce em sua própria alma racional” (CHAUÍ, 2002, p. 201). A virtude vem do conhecimento; aqueles que têm conhecimento praticam a virtude e, portanto, agem corretamente e as pessoas que não agem eticamente, o fazem por falta de conhecimento. De acordo com sua teoria, uma pessoa que sabe que algo está errado, não agiria dessa forma justamente por saber que sua ação não seria correta. Sócrates acreditava que virtude é igual a conhecimento, então, a virtude pode ser ensinada.

O pensador se concentrou no problema do homem, buscando respostas para explicar a origem da essência humana. Chegou à conclusão de que o homem é a sua alma, ou seja, aquilo que o distingue como homem. Segundo Jaeger, (2002, p. 528) a alma é para Sócrates o que há de divino no ser humano. O homem é a sua razão, seu intelecto, seus conceitos éticos, sua personalidade intelectual e moral e sua consciência. O filósofo ateniense focava sua busca teórica procurando esclarecer como viver uma vida correta. Ele não explorou outras áreas da filosofia como a natureza, a origem do universo, ou até a religião.

Basta saber o que é bondade para que se seja bom. Este é o pressuposto básico da ética de Sócrates. Pode parecer ingênuo no mundo atual, no qual já está profundamente gravado na nossa mente que só algum grau de coerção é capaz de evitar que o homem seja mau. Com exceção do relativismo dos sofistas, antes de Sócrates, não havia uma reflexão organizada sobre ética. Ele se contrapõe aos sofistas por negarem toda e qualquer realidade objetiva e universal aos valores éticos. O filósofo de Atenas interpreta a ética não como uma especulação abstrata, mas como uma força transformadora, capaz de trazer a

felicidade à sociedade e ao indivíduo. Conforme CHAUI, para Sócrates “A finalidade da ética é a felicidade e esta se encontra na autonomia, isto é, na capacidade do homem para, por meio do saber, dar a si mesmo suas próprias leis e regras de conduta.” (CHAUI, 2002, p. 202).

A mais profunda garantia da sua ética é justamente este potencial auto-reconstrutivo da verdade quando vista sem os véus das aparências e vaidades, um conhecimento capaz de, por si só, tornar o homem melhor e mais sábio. Para ele, a ética estava relacionada com a virtude, que permanecia intimamente ligada à consciência, já o mal ou a falta de virtude estava relacionada com a ignorância. Restrição que influenciou muito o pensamento grego da época, concluindo que se a pessoa conhecia a virtude, não poderia cometer más ações.

Podemos esclarecer esta questão através da colocação de Cornford:

Este é o significado dos paradoxos socráticos: “A virtude é o conhecimento”, “Ninguém erra deliberadamente”. As pessoas normalmente dizem: “Eu sabia que era errado, mas não pude evitá-lo.” Sócrates responde: “Isso nunca é realmente a verdade. Tu podes ter sabido que outras pessoas acham que o que fizeste era ruim, ou que te haviam dito que era ruim, não o terias feito. Teu erro foi a falta de esclarecimento. Não viste o bem; foste enganado por algum prazer que parecia bom naquele momento. Se tivesses visto o bem, também o terias desejado e agido para obtê-lo. Ninguém age mal por sua verdadeira vontade, pelo menos quando essa vontade foi direcionada para seu objeto, o bem, por uma visão genuína e esclarecida.”

Sócrates considerou o problema ético individual como o problema filosófico central e a ética como sendo a disciplina em torno da qual deveriam girar todas as reflexões filosóficas. Em sua concepção, ninguém pratica voluntariamente o mal, somente o ignorante não é virtuoso, ou seja, apenas age mal, quem desconhece o bem, pois todo homem, quando fica sabendo o que é bem, reconhece-o racionalmente como tal e necessariamente passa a praticá-lo. “(...) tudo o que outra pessoa pode me ensinar é que tais e tais coisas são tidas como boas, que tais e tais ações são tidas como certas, por uma autoridade exterior ou pela própria sociedade.” (CORNFORD, 2001, p. 42). Ao praticar o bem, o homem sente-se dono de si e conseqüentemente é feliz. A virtude seria o conhecimento das causas e dos fins de ações fundadas em valores morais, identificados

pela inteligência e que atrai o homem a agir virtuosamente em direção ao bem. É através deste conhecimento que cada indivíduo se torna capaz de um dia chegar à compreensão do que é o bem, conhecimento que por si só tem efeito transformador tanto para quem o adquire, quanto para a sociedade na qual ele vive.

Segundo Cornford (2001, p. 42):

“Não saberei se isto ou aquilo é bom ou certo até que possa vê-lo diretamente por mim mesmo; e, assim que eu puder ver por mim mesmo, esse conhecimento pode descartar aquilo em que, segundo me dizem, as pessoas acreditam ou pensam acreditar. O conhecimento de valores, na verdade, é uma questão de revelação direta, como ver que o céu é azul e a grama, verde. Ele não consiste de pedaços de informação que podem ser passados de uma mente para outra. Em última instância, todo indivíduo deve ver e julgar por si mesmo o que é bom para ele fazer. O indivíduo, se deve ser um homem completo, deve tornar-se moralmente autônomo e controlar sua própria vida.”

Em resumo, Sócrates mostra a importância do conhecimento do bem que, necessariamente, nos leva à prática do bem. Age mal aquele que não sabe realmente o que é o bem. A partir desta concepção ética racionalista, o pensador ateniense sustenta, como condição impreterível para a felicidade e realização do ser humano, o auto-conhecimento e, a partir desse saber, a ação racional e autônoma, o exercício da liberdade consciente.

CAPÍTULO 3

VIRTUDE E INDUÇÃO SOCRÁTICA

Uma questão importante a ser tratada por Sócrates é a Virtude. Seu desejo era que as pessoas se tornassem virtuosas. A virtude, na sua ótica, é procurar fazer o bem, que é o correto, o ideal, e o intelecto e a razão é um dos caminhos para se chegar a ela. Jaeger afirma que, “as virtudes – bravura, ponderação, justiça, piedade – são excelências da alma (...) são as forças características das respectivas partes na mais alta forma de cultura de que o homem é capaz.” (JAEGER, 2001, p. 534). A sabedoria está vinculada com a humildade intelectual e não com a quantidade de saber. O importante para a sabedoria é o que alguém faz, não é o que essa pessoa sabe. A sabedoria modifica o ser e purifica a alma de forma que seus objetivos fiquem mais fáceis de serem atingidos. Ou seja, o que há de comum em todas as virtudes é a sabedoria, que, segundo Sócrates, é o poder da alma sobre o corpo, a temperança ou o domínio de si mesmo. “Todos são dotados de uma alma racional onde se encontra a verdade e todos são capazes de virtude. (...) A virtude não se ensina e não pode ser ensinada porque não é uma convenção nem uma técnica, mas algo a que estamos inclinados por natureza.” (CHAUÍ, 2002, p. 203).

A indução socrática é o principio direcionador do pensamento para o bem. Esse método segue diversos passos, limitando-se inicialmente a apresentar uma noção imperfeita e, aos poucos, vai se esclarecendo, chegando a um conceito universal e necessário. Conforme CHAUÍ, “Por operar com o exame de opiniões – isto é, definições parciais, definições subjetivas, definições confusas, definições contraditórias – para chegar à definição universal e necessária, a mesma para todos, pois a razão é a mesma para todos, Sócrates dá início ao que chama de indução: chegar ao universal por meio do exame dos casos particulares.” (CHAUÍ, 2002, p. 191). A indução consiste em comparar vários indivíduos da mesma espécie, eliminar-lhes as diferenças individuais, as qualidades mutáveis e reter-lhes o elemento comum, estável, permanente, a natureza. Segundo CHAUÍ (2002, p. 191), o raciocínio indutivo é o processo pelo qual o pensamento vai dos casos particulares ao geral que os engloba.

Ao se analisar mais de perto e com um olhar mais aprimorado a obra de Sócrates, pode-se perceber que o que ele queria para si e para seus discípulos e interlocutores diversos era a descoberta da Verdade. Não possui-la e agir como se a possuísse, pretendendo saber o que não se sabe era ignorância. Segundo CHAUI (2002, p. 190), Sócrates aponta que a verdade existe e está em nós, em nossa alma, e vem de nós mesmos, isto é, dos juízos que fazemos sobre as coisas. A filosofia tinha a função de restabelecer, na alma da pessoa, a virtude que contemplava antes, recordando-lhe a ciência, que é justamente o conhecimento da Verdade, saindo das trevas da caverna do erro e da presunção. “Virtude significa conformidade com os ideais de conduta em vigor. O homem virtuoso é aquele que faz o que é aprovado pelo resto da sociedade.” (CORNFORD, 2001, p. 47).

O procedimento indutivo, então, nos permite definir claramente os conceitos universais que devem nortear as nossas ações. Desta concepção ética, depreendem-se numerosos ensinamentos, numerosas iniciativas para uma prática pedagógica singular. O filósofo ateniense não se restringiu a refletir sobre as virtudes, a discutir sobre os conceitos gerais da conduta, mas colocou em prática esses ensinamentos, tornando-se um mestre, um paradigma do sábio, que estabeleceu novas formas de entender e suscitar o ato pedagógico.

CAPÍTULO 4

SÓCRATES E A DOCÊNCIA

Sócrates foi um crítico radical da concepção sofística de docência, e pretendia uma reforma nos costumes e valores da sociedade da sua época. Os sofistas foram os primeiros professores do Ocidente, neles encontramos a origem da docência, entendida como trabalho específico remunerado. Eles se diziam técnicos porque surgem num momento de valorização da técnica, ensinavam também filosofia e história, pois, precisavam de uma base para começar a transmitir a retórica como apreciação da arte do bem falar. Para eles, não há verdades universais, apenas opiniões individuais. “O sofista é um professor de técnicas, de política, de virtude e de sabedoria, portanto, alguém que julga possuir conhecimentos e ser capaz de transmiti-los.” (CHAUI, 2002, p. 188).

Sócrates, por sua vez, apresentava outra concepção de docência, baseada no amor ao discípulo, na procura conjunta da verdade, no diálogo, na interação com o aluno. Conforme Jaeger (2001, p. 523), Sócrates era um cidadão simples e sua ação passa quase despercebida, a conversa com ele prende-se espontaneamente, e como sem querer, a qualquer tema de ocasião. Ele desejava que todo cidadão sofresse uma transformação ética na sua forma de agir e também na sua atitude de conhecer. Para tanto, era preciso transformar-se, cuidar da alma e do conhecimento, e não só do poder, do lucro e dos benefícios, como procurava a sofística. “(...) É por dinheiro que ministram seus ensinamentos. Estes versam sobre disciplinas ou artes específicas e dirigem-se a um público seleto de filhos de cidadãos abastados.” (JAEGER, 2001, p. 523).

Segundo Sócrates, ele nada ensinava, apenas ajudava as pessoas a tirarem de si mesmas opiniões próprias e isentas de falsos valores, pois o verdadeiro conhecimento tem que vir de dentro, de acordo com a própria consciência. Até mesmo na atividade de aprender uma disciplina qualquer, o professor nada mais pode fazer que orientar e esclarecer dúvidas. O processo de aprender é um processo interno, e quanto maior for o interesse de aprender tanto mais eficaz será. Só o conhecimento, que é produzido por si mesmo, é capaz de revelar o verdadeiro discernimento.

4.1 - Método Socrático e sua concepção de Educação

A concepção de educação, para Sócrates, baseava-se em um conhecimento profundamente elaborado, porém, quanto mais conhecia, mais tinha consciência que sabia pouco. Vivenciando as experiências do dia a dia e tentando refletir sempre sobre os acontecimentos da cidade e sobre as relações entre as pessoas, ele, atento ao caminho da perfeição, inquietava os cidadãos atenienses com a arte do diálogo. Ele ensinava que a atividade de filosofar não se distingue do ato de viver. O ato de filosofar consiste em conscientizar-mos de que nada sabemos. “Eis o motivo que levou Sócrates a praticar filosofia como missão: a busca incessante da sabedoria e da verdade e o reconhecimento incessante de que, a cada conhecimento obtido, uma nova ignorância se abre diante de nós.” (CHAUÍ, 2002, p. 188).

O pensador induzia seus interlocutores a detectar os pontos fracos de suas próprias reflexões e dialogava com as pessoas instigando-as a usar a razão. A docência socrática, como foi dito, é realizada por amor, por vocação, por convicção filosófica. É essencialmente interativa e participativa. O docente se relaciona com o discípulo formulando perguntas e respostas, não é um método dogmático, o mestre não é um detentor do saber, mas procura saber junto com o discente.

Sócrates era um homem público e simples. Como não cobrava por sua tarefa, conversava com pessoas de qualquer classe social. No entanto, não conversava sobre qualquer coisa, mas só sobre um assunto sobre o qual quisesse demonstrar a ignorância do interlocutor. Sua “filosofia de vida” pode ser sintetizada pela frase do Oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. A partir daí, ele sempre confessava a própria ignorância: “Só sei que nada sei”, de forma que, ele julgava serem mais importantes os princípios universais, porque seriam eles que conduziriam a investigação das coisas humanas. “Conhece-se a ti mesmo – significa que o conhecimento não é um estado (o estado de sabedoria), mas um processo, uma busca, uma procura da verdade.” (CHAUÍ, 2002, p. 188). Sócrates compreende que nenhum homem sabe verdadeiramente nada, e o sábio é quem reconhece isso. “O início da sabedoria é, pois, “sei que nada sei””. (CHAUÍ, 2002, p. 187).

O filósofo ateniense buscava o conceito, a essência, a verdade que deveria se manifestar como um juízo universal. Conhecer, para ele, era saber por conceitos, e ter conceito de alguma coisa é defini-la por sua essência ou por sua natureza, e não uma mera opinião, uma vez que, para ele, a opinião varia de pessoa para pessoa, de época para época. Assim, confessando-se ignorante a respeito dos assuntos nos quais outros se julgavam

sábios, era ele mesmo o mais sábio, pois os outros, julgando saber, na verdade não sabiam, ele, ao contrário, reconhecia isso.

Diálogo e investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates. “Considerando que a investigação e o diálogo são princípios pedagógicos e metodológicos de seu modo de fazer filosofia, denominaremos de Investigação Dialógica a pedagogia socrática para a docência de filosofia.” (SOFISTE, 2007, p. 87). Seu ensinamento consistia numa dialética em que a discussão se desenvolve em dois tempos, na ironia, que consiste em perguntar, fingindo desconhecer o assunto, com vistas a refutar a tese contrária e preparar a tese verdadeira. Em seus diálogos, o reconhecimento da própria ignorância era parte essencial para se chegar à apreensão da Idéia e à construção dos conceitos. Era necessário mostrar a seus interlocutores o quanto estavam errados ao sustentarem seus “pré-conceitos”.

Este método, conhecido como **Dialética**, sustenta que a verdade e o conhecimento surgem no diálogo, na reflexão conjunta. O mestre não ensina, ele deve saber perguntar para que o discente chegue à verdade. Sócrates fazia a indagação daquilo que se pretendia saber em relação ao assunto que estava sendo discutido. É o momento em que o filósofo, partindo da premissa de que nada sabia, levava o interlocutor a apresentar suas opiniões. Em seguida, fazia-o perceber as próprias contradições ou ignorância para que procedesse a uma “depuração” intelectual. Através das perguntas, Sócrates, conduzia o diálogo até o ponto em que o outro ficava embaraçado por ver seus conceitos serem derrubados um a um. Nisso consistia a ironia socrática.

A segunda etapa do método de Sócrates é denominada **Maiêutica**. Esse nome é derivado e estipulado em homenagem à profissão de sua mãe, que era parteira. Sócrates queria exatamente isto: que a alma de seus discípulos parisse as idéias. Assim, através de seus diálogos mostrava a ignorância de seus interlocutores para em seguida mostrar-lhes a verdade que pretendiam possuir. Isso era a filosofia para Sócrates. “Sócrates, ao perguntar, vai sugerindo caminhos ao interlocutor até que este chegue à definição procurada. (...) Chama-se maiêutica, isto é, arte de realizar um parto; no caso, parto de uma idéia verdadeira.” (CHAUÍ, 2002, p. 190).

É na maiêutica que se faz nascer a verdade, ou seja, conduzir o interlocutor a descobrir paulatinamente o conhecimento sobre o objeto de discussão. Entretanto, a liberdade de seus discursos, a sua atitude crítica, irônica e a conseqüente educação por ele proposta, criaram descontentamento geral, hostilidade popular, inimizades pessoais, apesar de sua probidade. “Estamos falando de procedimentos que proporcionam ao educando o

cultivo e o desenvolvimento do pensar, uma vez que participar de uma Investigação Dialógica significa ser protagonista, isto é, criador de conhecimentos.” (SOFISTE, 2007, p. 88)

Conclui-se então que a maiêutica é utilizada para definir o método de ajudar a “dar a luz as idéias” de seus alunos, trata-se do ato de realizar o parto de uma idéia, ele só atuava como “parteiro”, não colocava as suas próprias doutrinas, mas, através de perguntas, estimulava seus discípulos a encontrarem as próprias respostas, a “parir” seus próprios conceitos. Eis o momento de reconstrução do conceito, em que o próprio interlocutor aperfeiçoava as noções até chegar ao conceito verdadeiro por aproximações sucessivas. A maiêutica socrática consiste em ajudar o outro a obter seus próprios conhecimentos, por meio de perguntas, estabelecendo, assim, um método ativo e participativo na educação. O mestre não transmite saberes, ajuda a procurá-los, a construí-los. A relação dialógica mostra que docente e discente aprendem juntos, na prática de ensino-aprendizagem.

O método socrático pode ser considerado um objeto de estudo, um método de investigação. Em uma investigação das obras socráticas, em busca dos paradigmas pedagógicos e metodológicos encontra-se o que pensa ser a forma correta de “ensinar ou filosofar”. Consideramos o método dialético como prática filosófica preponderante em Sócrates, que pode ser relacionado à realidade nas salas de aula modernas e contemporâneas. A partir desse método sustento a real possibilidade de se implantar a dialética como processo de aprendizagem para melhores resultados na docência.

A finalidade do diálogo socrático é a educação para o autoconhecimento. Dialogar com Sócrates era se submeter a uma prestação de contas da própria vida. Quem quer que esteja próximo de Sócrates e, em contato com ele, punha-se a raciocinar. Qualquer que fosse o assunto tratado era inevitavelmente forçado a seguir adiante até que, surpreendentemente, iria se ver obrigado a prestar contas de si mesmo e do modo como vivia e pensava. O processo para adquirir o saber é o diálogo. Toda a educação é essencialmente ativa e, por ser auto-educação, leva ao conhecimento de si mesmo.

4.2 - Sócrates e o processo de construção do conhecimento

Hoje, todas as formas de construção do saber avançam a cada dia, pois novos conhecimentos são necessários para resolver novos e mais complexos problemas. Convivemos diariamente com uma verdadeira avalanche de informações, que precisam ser captadas, filtradas e compreendidas, assim como inúmeras situações que envolvem conflitos, soluções de problemas e decisões que precisam ser resolvidas rapidamente.

É neste contexto que necessitamos de educadores capacitados para trabalhar de maneira inteligível, transparente e que transmita apreço para os educandos e afeição destes em aprender tais saberes. Porém, devido a ausência de uma postura qualificada além das dificuldades que existem em nossa conjuntura sócio-político-econômica, atualmente observamos uma educação com falhas na transmissão destes saberes e preenchida por alunos com déficits de compreensão e de formação, acarretando assim em um buraco na intelectualidade do indivíduo que passa despercebido por vários anos na escola.

É nesse cenário que a difícil tarefa de educar indivíduos se torna mais complexa e menos predita. Assumindo que a jornada para o conhecimento não começa com respostas, mas com perguntas, logo: Que métodos são mais adequados nesse contexto? Que formação nós queremos (e qual a que podemos) oferecer? Como vencer o desafio de saber fazer a pergunta correta? Talvez possamos responder a essas questões formulando perguntas de base: Como estamos educando hoje? A formação oferecida pelo ensino visa uma perfeita qualidade?

Visando o questionamento dessa problemática observamos que, Sócrates, através de suas preocupações, de seu método e até mesmo o contexto em que vivia nos oferecem importantes elementos para compreender a realidade que hoje vivenciamos. Torna-se fundamental analisar suas proposições sobre construção do conhecimento de forma crítica para assim esclarecer questões que são pertinentes na educação.

Sócrates valorizava acima de tudo o debate e o ensinamento oral. Ele fixou a filosofia sobre os pilares da razão. De acordo com Marcondes (2000), ele marca o início da filosofia clássica, quando a independência do pensamento é discutida pela primeira vez. Sócrates apresentou uma forma de construção de conhecimento que não só nega os mitos (por buscar o pensamento racional), mas, inaugura o pensamento e a postura crítica, fundamentais para o avanço da filosofia e para o surgimento posterior da Ciência tal qual a conhecemos.

Os métodos pedagógicos tradicionais em geral ensinam aos alunos o que devem pensar e não como pensar. O aprender a aprender está ausente do discurso de boa parte dos

professores, alguns deles na verdade se aproximam mais de “adestradores”. Faz-se necessário a introdução de uma nova pedagogia que proporcione aos aprendizes o conhecimento para que eles pensem por si, em substituição ao velho modelo que oferece informações apenas na base do “eles precisam saber”. Em muitas instituições, tal iniciativa requer uma nova cultura de aprendizado. É necessário que nos preocupemos em formar pessoas que saibam questionar o mundo em que vivem, que saibam posicionar-se de forma crítica e sustentar seus argumentos, que saibam distinguir entre um conteúdo válido e a mera retórica.

Morin (2000), salienta que, para que o conhecimento seja pertinente, a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, incentivar o uso total da inteligência geral, isto é, buscar o desenvolvimento integral do indivíduo. O caminho para o conhecimento deve ser trilhado por cada aluno, ao qual devemos dar autonomia e, tal como Sócrates, ajudar para que ele dê à luz suas próprias idéias e tenha sua forma própria de ver o mundo.

Diversas questões ainda permanecem à espera de resposta. Tais quais os diálogos socráticos, esse trabalho não leva a conclusões, porém, traz ainda mais perguntas. Por onde iniciar esse processo de mudança? Como desacomodar professores que desconhecem ou não estão habituados a trabalhar em uma lógica dialética? Quais os riscos e a recompensa dessa mudança? Como educadores que somos ou pretendemos ser, não podemos nos omitir frente a esse desafio, sob pena de formar profissionais pouco capacitados a enfrentar um mundo que a eles pertence, e que continuará a apresentar-lhes inúmeros desafios. A obra de Sócrates pode contribuir com esta discussão e, principalmente, pode instigar a participação de novos interlocutores, novas idéias e a busca de novas soluções. Vejamos agora a possibilidade de detectar a inspiração socrática nas escolas.

4.3 – Eis Sócrates na escola atual: o diálogo e a investigação dialógica.

Uma das principais problemáticas da prática pedagógica contemporânea é a busca por uma tomada de consciência capaz de emancipar o ser humano das injustiças vivenciadas no seu dia-a-dia. Sabemos que, enquanto sujeitos sociais, só poderemos avançar em qualquer campo de nossas vidas e nos desenvolvermos enquanto indivíduos quando exercermos nossa capacidade de reflexão. Esta capacidade de refletir nos auxilia

para o aprimoramento e desenvolvimento de nossas competências e habilidades de pensar e de saber, de saber e de fazer e de pensar o saber fazer e o fazer pensar.

Pensar criticamente sobre nossas ações e condutas cotidianas na escola possibilita ampliarmos nosso campo de visão, assim como ajuda na construção de novas visões, que transcendam os limites da tradição e que ousem a propor novas formas de ser e de agir na educação, seja esta a educação na escola, na família ou nos diferentes espaços sociais onde interagirmos. “Educar é possibilitar o humano. A experiência primeira do humano é com o outro. Nesta perspectiva as relações intersubjetivas são educativas” (SOFISTE, 2007, p. 98).

A partir deste questionamento consideramos que o *Diálogo* e a *Investigação* são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates na docência e os denominaremos de *Investigação Dialógica*. Esse método procura despertar no aluno o posicionamento crítico, a capacidade de pensar por si mesmo, de refletir e de construir conhecimento na interação com seu mestre e com os demais. “Na investigação Dialógica, o educando conceitua, interpreta, raciocina, investiga, relaciona com o outro, isto é, perde o *status* de aluno passivo que apenas escuta a aula, copia a matéria decora e faz prova, e o educador, por sua vez, torna-se um parceiro de investigação, convivência e diálogo na criação de conhecimento e valores.” (SOFISTE, 2007, p. 88).

Deve-se trabalhar para criar ambientes onde o questionamento construtivo esteja presente, ou seja, ambientes onde possam tornar-se pessoas capazes de questionar aquilo que elas pensavam que sabiam. Tal como Sócrates, é preciso ser humilde ao reconhecer que sabemos bem menos do que acreditamos saber, e que o conhecimento evolui a cada instante. Professores e alunos devem dialogar e engajar-se na atividade de compreender os conceitos e os novos conhecimentos. É preciso que os professores não ofereçam respostas prontas, mas se voltem para o seu papel de auxiliares no processo de construção do conhecimento, que é próprio de cada indivíduo. Segundo Sofiste (2007, p. 100), a *Investigação Dialógica* não se propõe, como na aula falada pelo mestre e copiada pelo educando, a ensinar nada. Trata-se da criação de um ambiente, ou seja, a transformação da sala de aula em sala de investigação. O processo de investigação se dá, mediante o diálogo, o desenvolvimento das habilidades e competências. Com isso, cada aluno é instigado a não repetir fórmulas, mas sim a elaborar e “dar à luz” suas próprias idéias, tal qual preconizava Sócrates.

Os ensinamentos de Sócrates oferecem diversos elementos que podem ser úteis à busca da melhoria do ensino. É necessário que nos preocupemos em formar pessoas que

saibam questionar o mundo em que vivem, que saibam posicionar-se de forma crítica e sustentar seus argumentos, que possam distinguir entre um conteúdo válido e a mera retórica. E alterar os métodos de ensino e aprendizagem em sala de aula poderia ser um grande passo, nesse âmbito o fato de incentivar a leitura de livros passa a ser uma tarefa fundamental. Os alunos precisam ler e aprender a refletir e interpretar as informações por si próprios. Conforme Sofiste (2007, p. 144), o procedimento da leitura do texto é uma das faces da investigação, ou seja, a fase da busca de informações.

Dentro da perspectiva apontada é preciso pensar como a escola se organiza para o aluno aprender. Se estiver organizada de forma autoritária, individualista ou com poder centralizado, sem respeitar o aluno considerando-o como objeto a ser moldado, ele vai aprender de uma forma deturpada. “Aula, tal como colocada pela tradição milenar fundamenta-se no falar do mestre e na cópia passiva do estudante, é no mínimo um equívoco pedagógico.” (SOFISTE, 2007, p. 98). Mas se a aula for organizada em torno de problemas que leva o discente a resolvê-los por si próprio, mesmo que ainda não tenha conhecimento suficiente sobre o problema estudado, ele realizará um processo de aprendizagem: de forma diferente, autônoma, dinâmica, crítica e produtiva. Nesse sentido, o professor é um agente participativo fundamental do processo formativo. “O professor compartilhará saberes e experiências no sentido de auxiliar na criação do conhecimento. Ele será, juntamente com os seus alunos, um investigador, um companheiro de percurso e não um intermediário de saberes já construídos e sedimentados.” (SOFISTE, 2007, p. 100)

Um dos principais dilemas da escola atual é motivar os alunos à desenvolver a consciência sobre o porquê das coisas. Essa questão cotidianamente se reflete nos fazeres, nos saberes e nas práticas. Segundo Sofiste (2007, p. 99), a Investigação Dialógica propõe uma transformação radical nas concepções de conteúdo, na visão da ação em sala de aula, da relação professor X aluno. Enquanto sujeitos temos a necessidade de ampliar nossa aptidão para a reflexão, e refletir criticamente sobre nossas ações e condutas cotidianas no espaço-tempo escola. Desse modo, será possível ampliarmos nossos olhares no intuito de, efetivamente, enxergar a realidade. O dilema maior é buscar a construção de novas visões, que possam transcender os limites da tradição e que ousem a construção de novas formas de ser e atuar em educação, seja esta educação na escola, na família, nos diferentes espaços sociais onde interagimos. Se a questão que nos ocupa neste momento de nossa trajetória atual em educação é o da busca pela construção de novas visões, irmos além dos limites das tradições presentes no cotidiano escolar é condição fundamental.

A reflexão é importante só que uma aprendizagem efetiva ocorre em maior escala, quando o aprendiz outorga significado àquilo que foi aprendido. Uma metodologia que propõe desenvolver capacidades e habilidades se faz com um aluno considerado como sujeito do processo de aprendizagem, ou seja, trata-se do aluno que vai raciocinar, investigar, inferir, relacionar-se. (SOFISTE, 2007, p. 99) Para Sócrates, cada pessoa deverá procurar a verdade e indagar o sentido das coisas, buscando o conhecimento na experiência e no processo de reflexões individuais. Segundo Sofiste (2007, p. 95), na dialética socrática não se busca uma verdade última, mas uma verdade crítica, isto é, em construção, em permanente reflexão sobre seus fundamentos daquilo que está sendo discutido.

Tais ações podem estabelecer vínculos significativos na relação do sujeito que ensina com o sujeito que aprende, de modo a possibilitar o desenvolvimento da criticidade no viver a vida em sociedade, na busca consciente do conhecimento. O espaço dentro da escola pode, de fato, ser modificado e esta, em processo de movimento e de transformação, cria um cotidiano inserido numa perspectiva mais inclusiva, mais participativa e dinâmica. “A sala de aula (...) deverá ser um ambiente que possibilite a investigação, o diálogo, a construção coletiva de saberes.” (SOFISTE, 2007, p. 100).

A escola de hoje necessariamente precisa criar condições para que sejam respeitadas as múltiplas inteligências, para criar condições para que todos que nela se inserem sejam efetivamente mais felizes e que apostem nos sonhos individuais e coletivos. Ela precisa encontrar seus caminhos respeitando as múltiplas visões, as diversas vozes. É preciso ocupar espaços, ampliar ações e principalmente, reconhecer que crianças e adolescentes precisam caminhar no sentido de acreditarem em si mesmas e nos seus potenciais. “O papel do aluno deixará de ser o daquele indivíduo que escuta a aula, anota as informações e faz prova. Ele será sujeito no processo de aprendizagem. Ele planejará as ações para alcançar o conhecimento, executará e, ao final do processo, avaliará – juntamente com o professor – o quanto elas foram adequadas, o quanto elas responderam às expectativas.” (SOFISTE, 2007, p. 100).

CAPÍTULO V

O MÉTODO SOCRÁTICO: O SOCRATISMO NA SUA CONCEPÇÃO DIALÓGICA - INFLUÊNCIAS NA PROPOSTA DE LIPMAN

Após termos focado o pensamento socrático, vejamos algumas idéias de um educador e filósofo atual, muito influenciado pelo pensador ateniense.

Segundo Lipman (1994, p.44), o primeiro passo para encontrar o diálogo em sala de aula é dissimular a concepção de que é a reflexão que possibilita o diálogo. O que acontece é justamente o contrário, isto é, é o diálogo será justamente a condição de possibilidade para a reflexão:

Quando as pessoas se envolvem num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar mais atenção às definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido (LIPMAN, 1994, p.44).

É através do diálogo que se torna possível o desenvolvimento de habilidades cognitivas, o desenvolvimento do raciocínio e da capacidade de argumentação regidos pela lógica, assim como a investigação sobre problemas que nos interessam enquanto seres humanos. Além disso, os discentes precisam pensar sobre o seu próprio pensamento, ao mesmo tempo em que raciocinam sobre o pensamento do outro, recorrendo para isso a uma grande quantidade de habilidades cognitivas, já que é necessário reestruturar todo o processo de pensamento na medida em que o diálogo-investigativo se desenrola. “é isso que significa dizer que o pensamento é a internalização do diálogo” (LIPMAN, 1994, p.45).

No entanto, enquanto educadores, precisamos ter clareza quanto aos aspectos que caracterizam o diálogo, pois, ele não se limita a uma conversação ou discussão. Nas palavras de Lipman (2001, p.335), “(...) ao confrontarmos o diálogo e a conversação, não podemos deixar de perceber em uma conversa um processo onde o tom pessoal é acentuado, porém, o fio lógico é tênue, enquanto que no diálogo ocorre exatamente o contrário”, isto é, a conversação é caracterizada pela defesa de pontos de vista pessoais,

não levando em consideração, na sustentação dos mesmos, os aspectos lógicos da capacidade argumentativa. Já no diálogo, acontece justamente o contrário, pois nele não redigimos apenas a defesa de pontos de vista pessoais, Mas estamos envolvidos em investigações sobre problemas humanos universais que orientam nossas concepções e nosso modo de agir. Essa investigação precisa ir além do âmbito das opiniões e dos preconceitos fazendo-se necessário uma fundamentação lógica de todos os argumentos a fim de ser possível a construção de um raciocínio coerente. Nesse sentido, Sofiste (2007, p. 73) esclarece que “A investigação Dialógica pode ser desenvolvida a partir das leituras, saberes e informações prévias. Os temas, por exemplo, amor, justiça, felicidade, racionalidade, afetividade etc. podem ser desenvolvidos sem nenhuma busca de informação prévia.”

Segundo Lipman (1994, p.47), “o diálogo é um estágio desse difícil e árduo processo da experiência que é necessário para que a experiência bruta seja convertida em expressão acabada. Para os educandos de qualquer estágio o diálogo é uma fase indispensável do processo”, nesse contexto, educar dialogicamente, significa criar as condições necessárias para que esses discentes, fazendo uso das habilidades cognitivas, possam organizar sua própria experiência, tendo por base não o mundo dos adultos e seu modo de pensar, mas o mundo que é próprio do universo infantil e juvenil.

5.1 - A filosofia como investigação.

Dentre muitas características que diferenciam a filosofia das demais áreas do saber podemos destacar o seu caráter questionador e investigativo. Essas características estão presentes em seu modo de ser desde as suas origens, quando todas as investigações eram orientadas segundo o princípio do diálogo⁵. Outro aspecto que cabe destacar no pensar filosófico é o seu caráter normativo, ou seja, a filosofia não trabalha com a descrição de como as coisas são ou com a simples descrição de como as coisas acontecem, mas busca o como as coisas podem ser. Porém, esse poder ser, leva em consideração o conhecimento já

⁵ Podemos destacar nesse sentido o modo como Sócrates fazia filosofia, ou seja, dialogando e discutindo com as pessoas sobre questões que pareciam tão óbvias, mas que no desenrolar do diálogo se mostravam problemáticas e controversas; outro destaque também pode ser dada à filosofia platônica, nela vemos que todos os pensamentos produzidos por Platão estão estruturados sob a forma de diálogos.

produzido e o contexto histórico e social no qual está inserido. A filosofia, nesse sentido, não é uma mera divagação, mas uma busca pelo melhor modo de viver e pensar a partir do presente, levando em consideração o passado e tendo como horizonte o futuro.

Segundo Lipman (1994, p. 47-48), “(...) a tradição filosófica desde o século VI a.C. tem sempre lidado com um conjunto de conceitos considerados importantes para a vida humana ou relevantes para o conhecimento humano.”. Os conceitos elaborados historicamente pelos filósofos com objetivo de ordenar a nossa compreensão de realidade funcionam ainda hoje como idéias reguladoras de nossas concepções e ações. Podemos citar como exemplo, o conceito de justiça, de ação moralmente boa, de liberdade, de verdade, e assim por diante, porém, esses conceitos não se esgotam em si mesmos, isto é, não possuem uma conceituação pronta e acabada, mas carregam em si ou são em si mesmos problemáticos, o que exige um repensar constante sobre eles, pois toda vez que uma visão de mundo for questionada, exige-se a explicitação dos conceitos reguladores que são, por excelência, conceitos filosóficos, “(...) o que especificamente distingue a civilização da barbárie é que as pessoas civilizadas estão interessadas nas diferenças entre beleza e feiúra, bom e mau, verdadeiro e falso, justiça e injustiça. (...)” (LIPMAN, 1994, p.48).

A filosofia tem como uma característica fundamental o perguntar, o questionar e o dialogar com rigor metodológico e lógico, o que permite o criar, construir e reconstruir conceitos, “(...) a filosofia implica precisamente esse permanente esforço de lidar com questões que não permitam nenhuma solução simples, e que exigem contínuas reformulações. (...)” (LIPMAN, 1994, p.52). No perguntar encontramos a origem do “fazer filosófico”, pois as questões levantadas pela filosofia são questões que dizem respeito diretamente ao conhecimento humano e a sua produção. As questões epistemológicas, estéticas, éticas e metafísicas, são colocadas pela filosofia num esforço de compreender a experiência humana e as ligações existentes entre as diversas áreas do conhecimento. Mas é no diálogo sobre essas questões que mobilizamos as ferramentas intelectuais necessárias para uma educação para o pensar, assim como, propiciamos um repensar sobre as experiências humanas, pois ele é a origem da reflexão, que possibilita um pensar sobre o modo como pensamos e como poderíamos pensar, da mesma forma, refletimos sobre o modo como agimos e como deveríamos agir, assim como se tem discutido o modo como as coisas são e como deveriam ser. Nesse sentido, Lipman diz:

O que melhor poderia estabelecer uma conexão entre as crianças e a estrutura formal do conhecimento humano que uma disciplina que tradicionalmente tem se preocupado com a inter-relação entre as diferentes disciplinas intelectuais e com a apresentação de perguntas mais profundas sobre como interpretar e compreender a experiência humana? (1994, p.50).

É nesse sentido que podemos afirmar que o ensino de filosofia não é fechado em si mesmo, mas que busca a inter-relação entre as diversas áreas do conhecimento, pois incentiva a investigação, o perguntar, o dialogar em qualquer disciplina. Segundo Sofiste (2007, p. 15), “A finalidade do ensino filosófico é, sobretudo o desenvolvimento de capacidades formais (problematizar, conceituar, argumentar) apresentados como inerentes à vida numa sociedade democrática.” Tais ferramentas serão usadas na resolução de problemas não-filosóficos que os afetam enquanto seres humanos que vivem em sociedade e imersos em relações inter-pessoais⁶, nos quais a todo momento esses indivíduos são desafiados a fazer escolhas e julgamentos.

A partir das visualizações anteriores, assinalamos que o ensino de filosofia propõe uma educação para o pensar. Pois ambas tem como ponto de partida a investigação dialógica de problemas humanos que dizem respeito à produção do conhecimento e às experiências coletivas e individuais dos estudantes; primam por um modelo de organização em que é possível a criação coletiva e individual de conceitos e o desenvolvimento de um pensar crítico e criativo, ou seja, de um pensar de habilidades cognitivas que extrapolam os limites do ensino fragmentado; buscam o rigor metodológico e argumentativo, através do diálogo em sala de aula regrado pelos princípios da lógica; almejam um ensino que seja capaz de vincular conteúdo (que é buscado) e método (que é vivenciado) e que por isso é capaz de transpor os limites da escola e dar a sua contribuição para a formação de cidadãos responsáveis que “pensam por si mesmos.”

Quando ouvimos a expressão “educação para o pensar” nos remetemos, quase que automaticamente, ao ensino de filosofia nas escolas, pelos motivos citados acima. O currículo de filosofia foi estruturado levando em conta as diretrizes de uma educação para o pensar, assim como a formulação dos pilares básicos da educação para o pensar foram construídos levando em consideração a filosofia. A filosofia possui certas características que de fato a aproximam mais dos ideais de uma investigação dialógica, mas ela possui

⁶ Lipman faz uma análise detalhada desta questão em: LIPMAN, M. *O pensar na educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 81-82.

algo que a aproxima também das demais disciplinas. Nesse sentido auxilia as demais disciplinas, assim como recebe auxílio, no desafio de promover uma verdadeira educação para o pensar, nas palavras de Lipman (1994, p.32) “a Filosofia é a disciplina que nos prepara para raciocinar nas demais disciplinas”.

Sem dúvida, nessa proposta mostramos as influências socráticas que valorizam o diálogo, o auto-conhecimento e a reflexão conjunta.

5.2 – Socratismo e cidadania na educação contemporânea.

Como já vimos, a utilização do método socrático, a investigação dialógica, é um dos modos de estimular o pensar crítico que pode ser utilizado na docência. Uma vez que tal método, na sua origem, proporcionou o crescimento e novas formas de fazer Filosofia, a utilização desta maneira de filosofar pode ter resultados positivos para a educação filosófica na contemporaneidade. E esta se torna importante porque oferece aos discentes a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico e autônomo. Em outras palavras, a Filosofia permite experimentar um “pensar por si mesmo”. Segundo Sofiste (2007, p. 92), a Filosofia pode dar contribuições substanciais para a educação, enquanto disciplina cujo objetivo fundamental é o desenvolvimento do aprender a a aprender e do aprender a pensar.

A Filosofia como disciplina oportuniza um pensar sobre o próprio pensamento. Ela “desnaturaliza” nosso pensamento cotidiano, fazendo com que o coloquemos sob suspeita. E, com isso, nos permite produzir um pensamento mais bem elaborado, fundamentado e profundamente crítico, fazendo com que os estudantes sejam encorajados a pensar, a desenvolver suas próprias experiências de pensamento. E apenas assim, desenvolvendo elementos para a construção de uma autonomia de pensamento, o ensino da Filosofia desempenhará um papel na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática.

A urgência de construirmos uma educação fundamentalmente voltada para o desenvolvimento de habilidades e capacidades, tal como a demanda o mundo de hoje, não é tarefa fácil. Um trabalho em sala de aula, por mais excelente e mais inovador que seja, não é capaz, por si só, de promover as mudanças necessárias para a viabilizar uma

educação que responda aos anseios e exigências do novo momento histórico que estamos vivendo. O que estamos dizendo é que são vários os desafios, como por exemplo: contar com infra-estrutura adequada, propiciar a capacitação e valorização dos profissionais da educação, a participação efetiva da comunidade na gestão da escola, a continuidade das políticas públicas, a construção de uma pedagogia para o aluno do século 21.

No entanto diante dos diversos desafios enfrentados pelos profissionais da educação, é possível apostar num novo processo pedagógico que possa melhorar e aprimorar a prática educacional dos nossos dias. Estimamos que esse caminho pode ser um lugar de abertura de perspectivas para a valorização, o reconhecimento e a dignificação desses profissionais.

O que estamos dizendo é que a Investigação Dialógica promove e desenvolve tais princípios, visto que a essência mesma do método é a construção do conhecimento através da colaboração, intercâmbio e confronto de idéias, reflexões, pontos de vistas, argumentos. Na investigação dialógica o estudante é, portanto, co-autor do conhecimento construído e tem consciência disso.

A prática efetiva do método socrático possibilita colocar em ação o filosofar, uma vez podendo afirmar que, em tal método, o diálogo, garante a liberdade intelectual e a abertura da consciência frente as verdade ditas como dogmáticas. A utilização do diálogo colabora para o desenvolvimento de habilidades e competências, em dois parâmetros básicos: Colabora para as habilidades de aprender a conhecer, e aprender a fazer como a capacidade de raciocinar, de sistematização, de conceitualização, de reflexão de planejamento etc., relaciona-se com as habilidades de convivência, ou seja, aprender a conviver. “Relaciona-se com o diferente, criticar, trabalhar em equipe, saber ouvir, aceitar críticas, etc.” (SOFISTE, 2007, pg. 99).

O próprio aluno vai raciocinar, investigar e o professor, neste sentido, assume o papel de coordenador que tem a tarefa de prezar pelo bom ensinamento de tal procedimento dialógico. Ademais, a utilização do método socrático no ensino poderá contribuir positivamente para que o aluno não seja apenas um ouvinte do professor, mas que seja participante no processo do aprendizado filosófico. Transformando a sala de aula em um ambiente de investigação ativa, tanto por parte do professor quanto por parte dos alunos. É justamente no processo de investigação que se dá, mediante o diálogo, o desenvolvimento das habilidades e competências.

O aluno busca o conhecimento através de uma coletividade que é feita com os demais colegas, incluindo o professor. É preciso, ainda, ter em mente, tanto por parte do

professor quanto dos alunos, que o filosofar não é algo pronto e acabado. Mas sim que a atitude do filosofar se dá num determinado tempo histórico e está sujeita à mudança por outros que viverão outros tempos. Neste sentido, nota-se que o método socrático tem muito a contribuir para a formação dos alunos. Na atualidade, uma vez que, tem como principal objetivo dialogar com os seus interlocutores, favorecendo assim o exercício da cidadania.

CONCLUSÃO

Segundo Sócrates, ele nada ensinava, apenas ajudava as pessoas a tirarem de si mesmas opiniões próprias e isentos de falsos valores, pois o verdadeiro conhecimento tem de vir de dentro, de acordo com a consciência de cada um. Até mesmo na atividade de aprender uma disciplina qualquer, o professor nada mais pode fazer que orientar e esclarecer dúvidas. O processo de aprender é um processo interno, e tanto mais eficaz quanto maior for o interesse de aprender. Só o conhecimento que vem de dentro é capaz de revelar o verdadeiro discernimento.

A influência imediata do ensino de Sócrates sobre a educação foi dupla. Em relação ao conteúdo constitui uma exaltação, sem precedentes, do conhecimento. Isto coincidiu com idêntica influência dos sofistas, que proclamavam transmitir o conhecimento exigido pelas novas condições da época. Mas, justamente porque o conhecimento, para Sócrates, continha uma inevitável projeção moral, encerrava também uma concepção muito mais ampla do que o conhecimento dos filósofos primitivos, ultrapassando, da mesmo forma, a informação dos sofistas.

Para Sócrates, pouco progresso intelectual se obtinha do simples fato de ministrar conhecimentos. Aos métodos populares dos sofistas, que almejavam disseminar informações por meio de prestações formais, este filósofo opus o método dialético ou de conversação. O objetivo desse método era gerar o *poder* de pensar. O seu alvo era formar espíritos capazes de tirar conclusões corretas, de formular a verdade por si mesmos, em vez de dar-lhes conclusões já elaboradas.

Filosoficamente, a maior contribuição de Sócrates corresponde, com efeito, ao domínio da moral, da ética. O fim último da educação era, para esse pensador, a virtude, o bem, a personalidade moral, e não o estado. É necessário ensinar a pensar. A educação intelectual é a base da educação moral, como método ele emprega fundamentalmente o diálogo, com suas duas fases, a ironia como ponto de partida, que coloca o interlocutor diante da sua própria ignorância e a maiêutica que faz, como faria uma parteira, nascer, da alma do interlocutor, idéias latentes.

No diálogo socrático trata-se de uma espécie de ficção ou convenção, pela qual o interrogado acredita descobrir a verdade que o interrogador lhe sugere. O diálogo tem grande importância pedagógica, porque o aluno é estimulado a pensar, a descobrir as coisas por si, de forma ativa, não receptiva. Conto ainda com o aspecto indutivo, já que se

parte de fatos ou idéias concretas, particulares, para chegar a uma conclusão geral, expressa numa definição.

A contribuição de Sócrates para a educação foi essencial, pode se dizer que ele foi o primeiro a reconhecer como fim da educação o valor da personalidade humana, isto é, decisivo no homem é a virtude, o fim imediato da educação é a formação ética, a moral. Mas a educação tem também um aspecto social; e neste sentido há de estar de acordo com as leis e tradições do Estado. A sua pedagogia valoriza os aspectos racionais no homem. Em essência não é mais que o diálogo, forma viva e ativa de educação.

“A contribuição de Sócrates para a educação pode ser sintetizada com o dizer-se que foi o primeiro em reconhecer como fim da educação o valor da personalidade humana, não a individual subjetiva, mas a de caráter universal. Assim começa o humanismo em educação. É, pois que o decisivo no homem é a virtude, o fim imediato da educação é a formação ética, a moral. Mas a educação tem também aspecto social, ainda que subordinado ao humano; e nesse sentido há de estar de acordo com as leis e tradições do Estado.” (LUZURIAGA, 1995, p. 89).

Sonhar com uma outra escola é desejar avançar, é colocar-se em movimento de abertura para o novo, para as dúvidas. Mudar não é tarefa fácil, e todos nós sabemos disso, mas a mudança emerge quando a própria escola torna o espaço vivo em movimento constante. Descobertas originais, práticas re-elaboradas, ocupação criativa, difundem criticamente verdades, ampliam referenciais de vida e socializam saberes. Percorrer novos caminhos na escola é construir referências culturais indispensáveis para a produção de uma outra visão de mundo, de um mundo mais justo, ético, fraterno e solidário.

Rever a escola de hoje é ação conseqüente, reflexiva e autoquestionadora, rever a escola de hoje é buscar teoria que leva à ação, rever a escola de hoje é transformá-la os inúmeros desafios presentes nos erros e acertos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da Filosofia*. SP: Martins Fontes, 2002.
- CORNFORD, Francis McDonald. *Antes e Depois de Sócrates*. SP: Martins Fontes, 2001.
- JAEGER, Werner. *Paidéia*. SP: Martins Fontes, 2001.
- LIPMAN, Matthews; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. *A filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2^o ed. SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PLATÃO. *Crítion*. In: Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- SOFISTE, Juarez Gomes. *Sócrates e o ensino da Filosofia: Investigação Dialógica: Uma pedagogia para a docência de filosofia*. RJ: Vozes, 2007.

MEIOS ELETRÔNICOS

APOLOGIA DE SÓCRATES. Acessado em 12 junho, 2009. Disponível em www.dominiopublico.gov.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: KARINA VON KLAY
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A CONTRIBUIÇÃO DO
MÉTODO SOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO CONTEM-
FORÂNEA
ORIENTADOR(A): Miguel Angel de BARRENECHEA

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Angela Maria Souza Mafra
Nota: 10,0 (Dez)

Considerações:

O trabalho de Karina apresenta uma
excelente fundamentação teórica e reflexões
significativas sobre o método socrático
aplicado na educação. Apresenta reflexões
sobre a docência e as relações educacionais
e filosóficas. Por isso, atribui-se nota
10,0 (dez). Assin

DATA: 11/2/2010

Assinatura: Angela Maria Souza Mafra

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador:

Miguel Angel de BARRENECHEA

Nota: _____

Considerações:

O trabalho evidencia rigor, clareza e adequado conhecimento dos fatos. A análise de talha de mente o pensamento sócio-tivo, focando as principais contribuições do filósofo a serem para a educação. Além disso, a monografia partindo de filosofia sócio-tiva, propõe importantes sugestões para educação na atualidade. Pelos motivos colocados acima, considero que o trabalho atinge níveis de excelência.

Data: _____

Assinatura: _____

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, de dezembro de 2009.

Prof. Orientador